

I Congresso Internacional INVESTIGAÇÃO EM ARTE

Fundação Calouste Gulbenkian – 18-19 Maio 2009

Mesa Redonda - “Interdisciplinaridade em Arte”

Christine Zurbach (Centro de História da Arte e Investigação Artística/Universidade de Évora)

Investigação artística e interdisciplinaridade no âmbito universitário: modo de usar

Resumo:

Dando resposta a mudanças significativas do estatuto e natureza das artes na sociedade contemporânea, a área das Artes entrou recentemente na Universidade, quer no ensino, quer na investigação. Todavia, a sua inserção num quadro de tradições académicas já estabelecidas bem como o seu reconhecimento e legitimação ainda são fonte de questionamentos e dúvidas parcialmente suscitadas pela própria natureza e especificidade de tal domínio de conhecimento. No que respeita à investigação artística destacam-se, entre outras problemáticas sobre as quais se nos impõe hoje fazer uma reflexão, a definição e tipologia do objecto investigado; a metodologia para a investigação; a avaliação dos resultados. Assim, a presente comunicação será dedicada à problemática da interdisciplinaridade aplicada à investigação artística, com incidência na questão dos limites do seu uso em termos epistemológicos e metodológicos. Quando entendida como processo aberto de conhecimento, a interdisciplinaridade potencia a construção de novas abordagens que permitem evidenciar os novos problemas que novos objectos levantam, nomeadamente no território da arte contemporânea, aberta ao experimentalismo e à inovação sistemática.

Na presente abordagem de uma temática vasta e complexa, a da investigação artística no âmbito universitário e da sua vertente interdisciplinar, procurarei alinhar elementos de uma reflexão que visa contribuir para a fase de organização teórica e metodológica de um campo ainda em construção no âmbito académico, estando por essa razão ainda aberto ao debate e à discussão.

Recorrerei a um *case study*, o da investigação artística, de matriz interdisciplinar ou não, no quadro universitário, ou seja do modo como surgiu e procura institucionalizar-se na Universidade de Évora, instituição de acolhimento do Centro de História da Arte e Investigação Artística, ou seja do ex-Centro de História da Arte, sintomaticamente assim re-nomeado em 2007 sob a pressão de circunstâncias internas e externas que levaram o seu Conselho Científico a assumir como inadiável e desejável o acolhimento da investigação em Artes no seu quadro de intervenção pautado até então pelo desenvolvimento e pela promoção da produção de um saber científico de nível avançado no campo da História da Arte.

De índole multidisciplinar, o Centro abrange vários universos específicos do conhecimento no domínio da(s) Arte(s), reunidos na mesma estrutura de investigação. A situação actual é fruto de uma mudança que constituiu um marco histórico: em 2006, a disciplina de História da Arte – campo fundador e disciplina académica consagrada no Centro de História da Arte e na Universidade – deixou de ser a referência epistemológica padrão das actividades predominantes do centro que passou a integrar em termos explícitos a investigação artística, característica que figura hoje na nova denominação de Centro de História da Arte e Investigação Artística. O processo resultava da busca de uma articulação da investigação com a implementação – desde 1996 - da formação artística na Área Departamental das Artes, hoje Escola de Artes. Os projectos de pesquisa em Teatro, Artes Visuais e Arquitectura eram assim agrupados e acolhidos num espaço comum, já existente, enquanto a Música e a Musicologia avançavam para a criação de uma unidade autónoma. Mas uma vez consagrada em termos de designação e de estatutos, a mudança suscitou de imediato novas interrogações, nomeadamente a respeito do programa a desenvolver, quer internamente e de imediato, em articulação com os departamentos e o apoio à formação avançada, quer externamente, a pensar no futuro, ou seja no grau de entendimento, aceitação e valorização expectável por parte da instância financiadora (FCT/MCTES) quanto à promoção e realização de projectos de investigação artística.

Enquanto caso, o Centro reflecte com clareza a problemática geral que está aqui em discussão: como investigar cientificamente hoje a arte enquanto prática e também obra construída, e o saber no sentido epistemológico, mas também enquanto experiência pessoal, incomunicável, do artista, contido na obra; quais as relações entre arte e saber, nomeadamente em termos metodológicos e epistemológicos; e qual a relevância da fórmula interdisciplinar num tal contexto?

Indo além da constatação de um enraizamento do paradoxo consagrado (se bem que muito gasto, sem dúvida) que configura a associação terminológica – artística / científica –, não podemos ignorar uma outra questão (certamente menos gasta porque quase nunca discutida de maneira séria no seio da academia) que tem, hoje, um peso consistente em tudo o que se prende com a promoção de programas de investigação com as respectivas condicionantes teórico-científicas e também técnico-financeiras, ou seja, a de saber como deverá (e poderá) ser entendido em termos institucionais o estatuto de uma investigação artística de âmbito universitário.

A resposta, qualquer que ela seja, não poderá ser dada sem uma abordagem da definição do objecto dessa mesma investigação, das suas características metodológicas e de uma responsabilidade não menos séria, a da sua avaliação.

Como é sabido, no que respeita à poesia, arte da palavra, Platão resolveu a questão com a expulsão da sua República dos indesejáveis mentirosos e construtores de ficções, em nome do verdadeiro e da razão... Mas hoje, foi a própria instituição que decidiu abrir as suas portas à nova área das Artes, tendo Évora um lugar de destaque nessa opção: as Artes em Évora são ensinadas enquanto tais desde meados dos anos 90, quer a Arquitectura, quer as Artes Visuais, o Design e o Multimédia, quer o Teatro, quer a Música. E esse mesmo ensino motivou a criação de novas áreas científicas, como novos campos de pesquisa, naturalmente inseridos e organizados hoje nas estruturas previstas para esse efeito, ou seja em unidades de investigação, já existentes (caso do CHA/CHAIA para o Teatro, a Arquitectura, as Artes Visuais e a Música e Musicologia) ou em fase de instalação (CIMM igualmente para a Música e Musicologia).

Importa deixar aqui dois apontamentos, ainda, de natureza histórica que devem ser tidos em conta e que também se cruzam no caso presente. Dizem respeito à relação que acabo de referir entre ensino e investigação, em geral, com aplicação no caso presente.

No primeiro apontamento, recordo um facto conhecido, retirado da história do ensino superior europeu, em que uma nova relação, construída no início do século XIX entre ensino e investigação surgiu como a transformação mais relevante da universidade herdada da tradição medieval na qual academias, lugares do saber e do seu progresso, e universidades, lugar do ensino e da difusão do saber, se opunham. Promovido por Humboldt, o modelo do professor-investigador visava dispensar as academias e “confiar o desenvolvimento das ciências unicamente às universidades, com a condição de as organizarem convenientemente”¹. Com os seus seminários de pesquisa e diplomas de doutoramento, a universidade prussiana institucionalizava a investigação no meio universitário. Hoje, novas orientações (ou talvez não tão novas pelo que acabei de referir...), inscritas no quadro da reforma de Bolonha, não fazem mais que reforçar esse mesmo modelo: não será mais concebível que uma formação avançada, de 2º e 3º ciclos, possa dispensar um vínculo efectivo à investigação realizada nas conhecidas

¹ Wilhelm von Humboldt, cit. in Yves Gingras, “Idées d’universités. Enseignement, recherche et innovation”, Actes de la Recherche en Sciences Sociales, “Entreprises académiques », n°148, juin 2003, Seuil, pp. 3-7.

unidades de I&D que estruturam as universidades actuais e nas quais o docente investiga, produzindo conhecimento.

O segundo, mais local é, após a criação dos cursos de Artes na Universidade de Évora em finais dos anos 90, a sua consagração numa área departamental e futura Escola de acordo com os novos Estatutos em elaboração. Iniciado com uma oferta de Licenciaturas, esse ensino recorreu a docentes-artistas, convidados enquanto especialistas nos domínios artísticos envolvidos, que trouxeram novos saberes com os seus respectivos modelos de ensino. Simplificando: o exercício prático na aula de Teatro, de Arquitectura, de Música ou de Desenho e Escultura, passou a ser parte integrante de um ensino em que a experimentação, vertente essencial na pesquisa do criador, se encontrava aqui integrada na formação artística como processo de busca permanente associada à inovação. O passo seguinte foi o vínculo de tais docentes já não apenas ao departamento de ensino, mas à unidade de investigação na qual a sua pesquisa pode ser prolongada, aprofundada e divulgada em múltiplas dimensões.

Mas, apesar de, em termos objectivos, se encontrar inserida institucionalmente graças à articulação entre unidades de ensino e unidades de investigação em que o docente-artista-investigador formaliza as suas diversas áreas de intervenção de dimensão universitária, a problemática da investigação artística não ficou por isso, automaticamente, nem definida, nem consagrada no universo de uma investigação que se quer reconhecidamente científica ou a esta equiparada. Sendo que, de acordo com a organização dominante da investigação em Portugal, dificilmente será possível a um artista-docente obter o reconhecimento dado ao investigador fora do quadro da Universidade, admitindo também que o valor da investigação da(s) arte(s) e na(s) arte(s) no que respeita ao conhecimento estará no cerne dessa questão...

A dificuldade reside na clarificação do que é próprio da investigação artística que, apenas para facilitar a organização desta apresentação, propus desdobrar entre três problemáticas distintas, mas que dificilmente se poderão isolar umas das outras:

- definição do objecto (ou antes, que *objectos* para *que* investigação?),
- como abordá-lo(s), com que metodologia(s) (restando a saber se o objecto preexiste à investigação que sobre ele se pretende fazer ou se com ela se constrói, se modifica e transforma?)
- como avaliar a investigação artística, se em termos de respostas dadas ou através do acto crítico que torna visível a própria investigação?

Que objecto(s) de estudo cabe(m) nesse campo de investigação?

Como vimos, a problemática que desenvolvemos aqui não pode ser isolada do contexto histórico recente em que as artes passaram a ser ensinadas e investigadas na universidade. As artes de que falamos, produzidas e investigadas por artistas nossos contemporâneos, trazem marcas próprias de questionamentos, estéticos e ideológicos, associados a determinadas práticas artísticas nascidas na segunda metade do séc. XX. São a expressão de mudanças que podemos testemunhar na concepção da arte e da sua relação com a sociedade, nomeadamente na recusa da representação e do valor comercial da arte, fazendo da experimentação o modo habitual de funcionamento da produção artística, dando a primazia ao *processo de criação* mais do que ao objecto ou à sua recepção.

Até então focalizada na História da Arte, um território com maior experiência e maior tradição académica, que privilegia o conhecimento predominantemente de natureza teórica de um objecto de estudo situado no passado, o trabalho de investigação artística, que não deixa de se inscrever no domínio multifacetado e abrangente do estudo da arte, mas que se encontra agora sedado na nova área da Investigação Artística, modifica a relação com a teoria que não sustenta necessariamente a prática nos termos em que uma investigação dita científica o faz, antes a subverte, integrando-a na própria pesquisa enquanto pesquisa *da* arte. Assim, a abertura e o alargamento da pesquisa no campo epistemológico do estudo das Artes, consagrados no caso preciso do Centro de História da Arte / e Investigação Artística na mudança da designação, dos estatutos e da equipa dos investigadores, resultaram *da* e *na* introdução de novos objectos e novos problemas, que reclamam novas abordagens.

Com que metodologia e qual a importância da investigação interdisciplinar?

Em primeiro lugar, admite-se que métodos e objectos são dificilmente separáveis aqui -, e se a relação entre tal objecto privilegiado de estudo e a investigação requer a introdução de novos paradigmas epistemológicos no quadro institucional de acolhimento, em particular nas práticas da investigação, também não pode dispensar a disponibilização de meios e de condições adequadas para que se possa desenvolver, de espaços-laboratórios em que ensino e pesquisa possam dialogar, bem como as artes entre elas.

Em segundo lugar, é certamente indispensável considerarmos a principal interrogação que incide na problemática disciplinar: que disciplina ou disciplinas interpelar para desenvolver a pesquisa nas artes?

Perante a especificidade dos objectos de arte quando considerados como objectos de estudo (sublinha-se a pertinência da questão na nossa contemporaneidade que rompeu no século XX de forma decisiva com a separação entre as artes – refere-se no caso do teatro o exemplo da dança-teatro), a tal afirmação programática junta-se geralmente uma evidência: a do carácter inadiável do debate sobre a aplicabilidade dos conceitos e dos modelos de investigação teórica e fundamental **vigentes no espaço académico**, e da sua eventual substituição por novas formas de pesquisa capazes de criar alternativas válidas às abordagens consagradas pela tradição, com incidências positivas quer no domínio das artes propriamente ditas, quer na investigação universitária no seu todo.

Voltando à arte do teatro, a revisão do próprio conceito de **teatro** (da sua aplicação e extensão) - tradicionalmente associado à problemática restrita do texto dramático, portanto das disciplinas do campo literário - ao *devolver* o teatro para o espaço do fazer performativo (*Performance*) impôs o recurso, para a sua investigação, a outros campos do saber que se articulam e inter-relacionam hoje no espaço da nova disciplina dos Estudos Teatrais que nas últimas décadas do séc. XX permitiu institucionalizar o estudo e o ensino do teatro em inúmeros departamentos de universidades europeias e no mundo.

É sabido também que a segregação das disciplinas e a sua especialização definiram o modelo monodisciplinar hoje consagrado na investigação (institucional) das ciências exactas e humanas, mais eficaz eventualmente em outros domínios do saber cujos contornos são tidos como consolidados. Mas em outros territórios ainda não estabelecidos, como o da investigação nas artes aqui em análise, e na ausência de uma disciplina (a inventar?) susceptível de abarcar a complexidade do seu objecto de estudo (a terminologia Estudos Artísticos curiosamente apenas é usada para abordagens de natureza teórica), o investigador pode sentir-se atraído por fórmulas construídas na busca utópica (e simplista) de uma unidade perdida do saber, ou numa tentativa de reconciliação das diversas disciplinas, em soluções algo improvisadas que nascem sob denominações diversas entre a multi, pluri, inter, trans ou co disciplinaridade – note-se a riqueza criativa do semantismo uma vez ultrapassado o limite da monodisciplinaridade...

Na prática, são fórmulas nem sempre claras nem claramente distintas: o termo de interdisciplinaridade é geralmente assimilado a dois outros termos, igualmente criados para designar formas de colaboração entre disciplinas, de acordo com uma determinada hierarquização. São os termos *pluri* ou *transdisciplinaridade*, quer num uso epistemológico (tratando-se da definição das próprias disciplinas, das suas semelhanças ou diferenças, etc), instrumental (no contexto de um Centro de investigação, pela colaboração entre disciplinas na organização do trabalho em equipa), ou pedagógico (o cruzamento das disciplinas na transmissão do saber).

Assim, voltamos à pergunta inicialmente colocada: como definir a interdisciplinaridade, figura nascida no início do século XX e tópico predilecto da pós-modernidade? As definições nem sempre são coincidentes entre os próprios investigadores, sendo que as fronteiras entre as noções afins (*pluri* e *multi* disciplinaridade) com as quais é confundida, e as suas aplicações, não são estanques, mas de continuidade. Cito um exemplo de trabalho pluridisciplinar - de novo no campo do teatro - numa obra recente em torno do lugar do teatro nas práticas culturais numa determinada época e região (*Théâtres en capitales. Naissance de la société de spectacle à Paris, Berlin, Londres et Vienne, 1860-1914*, de Christophe Charle) que associa dados de natureza política, sociológica, cenográfica, dramaturgica, artística, de gestão cultural, mediática, tradutológica, etc., estruturados na fórmula do “inquérito” de que o autor é especialista. De facto, o estudo resulta da justaposição de disciplinas que, dando o seu contributo epistemológico e metodológico especializado, mantêm todavia a sua autonomia e identidade sem sofrerem alterações pela sua co-existência na mesma investigação. Indo mais longe, para Claire Fagnart (205:9), a interdisciplinaridade implica “**interacção, conexão, inter-relação** entre disciplinas de modo a que a sua justaposição seja acompanhada de uma evidenciação de influências ou de sobredeterminações recíprocas, de uma fecundação mútua”. Trata-se de enriquecer, transformar ou modificar os contornos das disciplinas postas em contacto, se bem que sem apagamento das fronteiras que as definem autonomamente, valorizando antes o espaço intervalar, o “entre”, que, ao separar, permite a criação de uma zona de contacto, pautado pela mobilidade e pelo diálogo, de modo a instaurar um relacionamento e fecundações disciplinares recíprocas.

Comandada pela consciência da complexidade do real, enquanto realidade humana, e da complexidade epistemológica que daí resulta, a interdisciplinaridade assim concebida oferece-se como território a percorrer, porventura a inventar. Assim, no

âmbito académico, em que as fronteiras entre as disciplinas consolidadas são tidas como garantias e guardiãs dos saberes, a investigação artística não poderá escolher outra via que não a da exploração teórica e prática de um espaço orientado pela *indisciplina* que no território da criação desde sempre caracterizou o trabalho do artista, e por que não também, do artista enquanto formador e investigador, inserido no contexto académico institucionalizado onde hoje pode intervir eficazmente, que lhe compete enriquecer pela sua capacidade de ultrapassar fronteiras, redefinir limites e romper com categorias convencionais.

Finalmente, como avaliar a investigação artística?

Quer se trate daquela tradicionalmente entregue à denominada crítica da arte, quer se trate da avaliação associada ao trabalho científico (com tudo o que distingue um juízo da ordem do gosto e da subjectividade de uma contabilização objectiva de artigos e outros sinais), a avaliação encontrará aqui uma oportunidade para reconfigurar o seu olhar e as suas práticas. Se entendermos que, quando situada na investigação artística de âmbito universitário, a experimentação concreta toma o lugar da hipótese teórica, fazendo com que a própria criação possa surgir como a sua validação, a sua avaliação (crítica) apenas poderá ganhar legitimidade se for fundamentada numa concepção e compreensão das *poéticas* nas artes, como busca do *fazer consciente*. Apesar de reproduzir ou copiar o sintagma “investigação científica”, a designação “investigação artística” aponta para uma busca não tanto do que estaria oculto ou desconhecido, mas para uma actividade intelectual (ou outra) que visa a descoberta, a invenção, a progressão de novos conhecimentos, com novos objectos.

Não posso deixar de sublinhar, no momento de conclusão deste alinhavo de reflexões programáticas, a importância, já referida, da articulação ensino-investigação no contexto actual e, sobretudo, futuro. Nesse contexto, a investigação artística, e o seu respectivo reconhecimento institucional, surgem hoje claramente como um problema de política de educação e de investigação, ou até de política simplesmente – neste particular, da política seguida no domínio das Artes - , em pelo menos dois aspectos cruciais:

- enquanto portador de inovação na sua própria especificidade, o caso das Artes surge como um desafio lançado às instituições responsáveis pela sua promoção, às quais cabe regulamentar, apoiar e financiar toda a investigação;

- enquanto lugar e motor da produção e da difusão do conhecimento, a investigação artística sediada nas unidades de investigação deve constituir um forte contributo para a afirmação do lugar das Artes na sociedade contemporânea, sua destinatária privilegiada.